30 Anos Pediatria

Resumos 2009

VIII Jornada Multidisciplinar Pediátrica
IV Encontro Pró-Humanização do HCPA



Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre

HOSPITAL DE
CLÍNICAS
PORTO ALEGRE RS

25, 26 e 27 de
novembro de 2009

UFRGS
1934-2009
75 ANOS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

OBSERVAÇÃO DE CRIANÇAS INTERNADAS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO À LUZ DA SEMIÓTICA DE GREIMAS

Anne Alyucha Godinho, Bruna Pochmann Zambonato, Michele Antunes, Nycolas Kunzler Alcorta, Dulce Maria Nunes

Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

michele.antunes@ig.com.br

A oncologia pediátrica de um Hospital Universitário de Porto Alegre/RS realiza o tratamento de crianças com câncer e, ainda, presta apoio aos familiares dos pacientes internados. Dispõe também de serviços como psicologia e pedagogia. Este último objetiva que a criança não se afaste dos vínculos escolares, e pode funcionar como uma forma de tratamento, pois faz o pequeno paciente viver, no hospital, um pouco de sua vida cotidiana. Devido ao intenso contato com as crianças internadas e as inúmeras oportunidades de observação, a unidade se mostra propícia ao desenvolvimento dos estudos da semiótica aplicados à enfermagem. A. J. Greimas foi o fundador da Escola Francesa de Semiótica. A semiótica foi preconizada por A. J. Greimas na Escola de Paris. É uma teoria que estuda o sentido partilhado. Vê a comunicação como uma metáfora e consegue trabalhar com os sentimentos. Na linguagem, a semiótica se posiciona entre a expressão (aquilo que é externado) e o conteúdo (aquilo que está no interior). No que diz respeito à ação, a semiótica entende o corpo como uma testemunha. Esse corpo-testemunha não só é capaz de presenciar uma ação (reconhecer algo que está presente), mas também pode presentificar (agir, tornar algo presente). A experiência de um corpo, ou de um sujeito, é dividida em emoção e memória. Esse sujeito se caracteriza por ser a personagem que age e não tem a obrigação de ser uma figura antropomorfa. Isso quer dizer que o actante (aquele que pratica a ação) não precisa ser uma pessoa. Pode ser uma instituição, por exemplo. Todo sujeito tem um objeto para o qual direciona sua ação. O sujeito cuidador, por exemplo, tem como objeto a integridade daquele que, por ele, é cuidado. A partir daí, pode-se afirmar que o cuidar e uma prática observável, uma vez que essa prática é datada historicamente e necessita da manipulação de objetos. Tendo como foco o desenvolvimento da competência do cuidado, o objetivo deste trabalho é fazer um relato de experiência da atividade prática disciplinar dos alunos de graduação do 4º semestre de enfermagem. Essa atividade pertence à disciplina Fundamentos do Cuidado Humano III e alia teoria e prática no intuito de capacitar os futuros profissionais enfermeiros a observar o paciente antes de qualquer prática técnica. A teoria da observação foi realizada com base nos estudos da semiótica, a qual vê o corpo como uma redação. Para os semioticistas, cada fragmento do corpo humano constitui de uma mensagem, a qual não pode ser vista isoladamente. A expressão, o olhar, os movimentos, as falas e resistências a aproximação são algumas das formas de comunicação verbal e não verbal que o sujeito encontra para explicitar seus sentimentos, suas percepções e suas sensações. A cada dia de estágio, os alunos passavam por diversas etapas de trabalho. O primeiro momento era reservado ao aprofundamento das teorias de enfermagem, bem como ao estudo dos conhecimentos da semiótica. Em um segundo instante se dava o encontro com os pacientes, no qual os acadêmicos deviam observar o comportamento das crianças e a forma com a qual se relacionavam com seus

pais, com os profissionais e com os demais internos da unidade. Ao final da observação, partia-se para a terceira fase do trabalho, em que era preciso preencher um instrumento de registro. No instrumento, os alunos deveriam documentar os objetivos; local e posição no espaço; tempo; atitudes e gestos corporais; falas e ruídos; sentimentos iniciais e resultados iniciais e finais da criança observada, assim como do enfermeiro e do familiar. O objetivo contempla as intenções dos sujeitos envolvidos na situação; o local e posição no espaço referem-se a como esses sujeitos estão alocados, e se, de alguma forma, esse posicionamento demonstra tentativa de defesa ou receptividade; o tempo é o transcorrido para a observação; as atitudes e gestos corporais englobam olhares, expressões e gestos que funcionem como comunicação não verbal entre o actante e o coadjuvante (aquele que recebe a ação); nas falas e ruídos são registradas as conversas, frases e sons externados; os sentimentos iniciais são aqueles que o indivíduo deixava transparecer no contato com os alunos, com os pais ou com os enfermeiros; os resultados enfocam o alcance dos objetivos por parte do sujeito e do observador. Após essa sistematização da observação, era preciso narrar a cena com base nos sentimentos, gestos e falas observados e registrados. Na última etapa do trabalho, os alunos precisavam explorar os seus sentimentos em um desenho do corpo humano. Nesse corpo deveriam ser pintados os locais em que eram percebidas sensações relacionadas aos sentimentos e expectativas no transcorrer das práticas de observação. Ao analisarmos os instrumentos preenchidos no desenrolar do estágio, percebemos a gradativa evolução do entendimento da semiótica. O preenchimento dos quesitos se tornou mais objetivo e de acordo com o que se propõe a semiótica. A narrativa da cena passou a ser feita de maneira concisa, porém sem excluir dados importantes para a análise do comportamento dos observados. Percebeu-se que a boa narrativa é fundamental para o entendimento da situação e para a busca de subsídios para desempenhar o cuidado conforme as demandas do paciente. Entendemos que aplicar esse estudo na prática da enfermagem é uma forma eficaz de apurar a capacidade de observação dos profissionais enfermeiros. É uma competência que, somada às já exploradas, deixa a enfermagem ainda mais dinâmica e autêntica. Incluir a semiótica nas unidades hospitalares é mais um passo a ser dado no reforço da autonomia da enfermagem em relação à busca da melhoria da qualidade de vida e da recuperação do bem-estar do paciente. A semiótica, portanto, se caracteriza como uma ferramenta fundamental na antecipação de cuidados ao paciente sem que seja necessário o extremo da verbalização de uma determinada necessidade. É um apoio ao cuidado humanizado, uma vez que permitindo ao profissional enfermeiro uma forma subjetiva de perceber o paciente, faz o usuário sentir-se acolhido. Possibilita a humanização do cuidado prestado, visto que trata dos sentimentos, das emoções e sensações dos pacientes, fatores que parecem ser secundários no que diz respeito ao tratamento. A semiótica resgata a dignidade humana no ambiente hospitalar, não só aos acamados, mas também aos profissionais de saúde, os quais passam a observar, também, suas próprias emoções. Faz do auto-conhecimento um excelente veículo para levar o profissional a compreender o que se passa com o paciente e seu familiar, e o que pensa aquele que depende de cuidados e da atenção de pessoas estranhas ao seu círculo social que – inevitavelmente – interferem em sua intimidade de forma mecânica, muitas vezes, condicionada.

Descritores: enfermagem pediátrica, oncologia, cuidados de enfermagem.